

MITIFICAÇÃO E DESMITIFICAÇÃO DO HERÓI NO TEATRO DE AIMÉ CÉSAIRE

*Mauro Luís THOBIAS**

A temática da descolonização e a da negritude são características básicas da produção literária de Aimé Césaire. Quer seja na poesia, quer seja na dramaturgia, nota-se a preocupação do poeta em preparar os caminhos para a consciencização dos novos povos colonizados, com o intuito de adaptá-los às regras que comandam o mundo moderno, sem jamais perder a essência de sua cultura.

Dentro dessa dramaturgia pedagógica, Aimé Césaire lança mão de fatos e personagens verídicos, que agitam e povoam o seu universo criativo, dos quais serão refutados os maus exemplos e retirados os ensinamentos que servirão para a construção dessas nações emergentes. Sendo assim, buscaremos na sua trilogia da descolonização dois heróis que nos serão úteis na tentativa de ilustrar a problemática da mitificação e a da desmitificação na sua produção dramática. De um

* Aluno do Programa de Pós-Graduação

lado, está Patrice Lumumba, herói de *Une Saison au Congo* (1), peça concebida em 1967, e que expõe as feridas abertas pelos belgas, durante sua permanência no país-símbolo da África: O Congo. De outro lado, Henri Christophe, o lendário rei haitiano, um dos articuladores da independência do Haiti, herói de *La Tragédie du Roi Christophe* (2), peça de 1963.

Historicamente, ambos se assemelham em razão de sua proveniência popular e da ascensão à posição de destaque dentro da política de cada país. No início de cada obra, têm-se as figuras de Lumumba e Christophe como linha mestra a guiar o destino de todos; são eles responsáveis por abrir as trilhas rumo à liberdade. Colocadas no epicentro da situação conflitual, as personagens têm ciência da importância de sua performance dentro desse universo de cobiça e de antagonismo e é, através de suas palavras, que sentimos a ascendência de cada um sobre aqueles que os seguem. Neste exemplo, temos as palavras de Christophe convocando os homens para a revalorização do passado e a tomada do futuro. Em tom animado começa a dizer:

"Pois bem, com garras ou sem garras, tudo está aqui! Eu respondo 'com garras'. Nós devemos ter garras. Não somente os 'dilacerados', mas também os 'dilaceradores'. Nós, nossos nomes, já que não podemos retirá-los do passado, que sejam do futuro." (2)

Prossegue ainda, agora com tom mais terno:

"Vamos, de nomes de glória eu quero cobrir seus nomes de escravos, de nomes de orgulho, nossos nomes de infâmia, de nomes de resgate nossos nomes de órfão! É de um novo nascimento, senhores, que se trata." (2, Ato I, cena 3)

O comando à luta também é visto nas palaavras de Lumumba à população. Diversifica-se a situação, porém o substrato permanece o mesmo:

"Senhor, todo sofrimento que se podia sofrer, nós o sofremos. Toda humilhação que se podia beber, nós a bebemos. Mas, camaradas, o gosto de viver, eles não puderam tirá-lo de nossas bocas. (...) Camaradas, tudo está por fazer, ou tudo está por refazer, mas nós o faremos, nós o refaremos. Por Kongo! Nós retomaremos todas as leis uma após a outra, todas as leis, por Kongo! Nós reveremos um após o outro, todos os costumes, por Kongo! (...) Tudo o que estiver curvado será endireitado, tudo o que estiver endireitado será realçado." (1, Ato I, cena 6)

Nota-se, então, que a missão do herói cesairiano é a de ser o elemento-elo entre a antiga identidade, que, embora pertença ao passado, mantém seus reflexos na vida presente e a nova identidade que surge, à medida em que ocorre a anulação da primeira. Para tanto é necessário que haja o entrosamento do herói com sua gente, porque é dessa relação que virá à luz o modelo a ser amado e seguido. No exemplo que se segue, notamos a dimensão do compromisso de amor e confiança mútua estabelecido entre Lumumba e os congoleses. Diz uma das personagens, Mamma Makosi, ao ser interpelada por um oponente.

"Oh! Você sabe, Patrice será sempre Patrice para nós. Para onde ele for, nós iremos. E estou certa de que onde estivermos, ele virá. Eis aqui um que não tem vergonha de seus amigos." (1, Ato II, cena 1)

O mesmo ocorre em *La Tragédie*, quando a população se sente ameaçada pela presença de um novo colonizador que ronda a vida haitiana. Nessa cena, diante do mar, entre muitos acessórios pertencentes ao espaço cênico, temos um barco colocado na linha do horizonte e que passa a ser o símbolo dessa ameaça. São as palavras da persona

gem Vastey que realçam a figura de Christophe e fazem com que o povo retome a confiança que se esvai:

"Vamos cidadãos! Voltem para suas casas! Esse barco não é de nossa conta. É de Christophe. A cada um a sua ocupação. A vocês o trabalho, o trabalho livre, pois vocês são homens livres, o trabalho pela nação um perigo. A Christophe, o de nos proteger, nós, nossos bens, nossa liberdade." (2, Ato I, cena 2)

e, em resposta a essas palavras, um segundo cidadão faz exaltação ao rei, comparando-o a seu oponente:

"Bem falado! Um homem, isso sim, e quem o tem, Christophe. Não essa 'bola murcha' do Pétion. Parece que para se fazer reconhecer pelo rei da França, ele oferece uma indenização aos antigos colonos. Um negro oferecendo uma indenização àqueles que os negros imprudentemente frustraram do privilégio de possuir negros." (2, Ato I, cena 2)

Essas manifestações são valorizadas não só pela palavra, mas também pelos espaços onde ocorrem no primeiro exemplo. Como enuncia o paratexto, estamos num bar cuja atmosfera é toda afri

cana, e nela Lumumba se enquadra perfeitamente. (O desequilíbrio, aqui, fica por conta de Mokutu, oponente de Lumumba, e sobre quem o autor chama a atenção por causa de seu traje que destoa dos demais). E no segundo exemplo, é uma praça pública que serve como espaço para esse reconhecimento popular. Pictoricamente, estão ali dispostos outros elementos cênicos que representam a vida (Grupos de cidadãos, folhas de banana, aves, açúcar, sal ...). Primeiramente, a presença de Christophe é evocada pela palavra dos atores em cena; a seguir, já presente fisicamente, é parte integrante da imagem proposta no paratexto. Ali recebe a aclamação do povo como sendo o grande defensor dos interesses do país.

Donos de tal dimensão social, as ações por eles desenvolvidas serão golpes certos que atingirão a todos - indistintamente - já que Christophe e Lumumba se fazem representantes de toda a coletividade. Georges Ngala, em seu artigo *Aimé Césaire, uma dramaturgia da descolonização*, diz que "por eles se representa o destino coletivo de uma humanidade. Os sentimentos e os conflitos individuais não têm a mesma importância que tinham no teatro clássico. O indivíduo

Christophe, o indivíduo Lumumba, pouco importam; eles são símbolos do destino coletivo de seu povo" (3, p. 614). Concordamos em parte com o pensamento do crítico, porém dele divergimos quando faz alusão à subjetividade dos heróis, pois podemos ver que o fracasso ao qual estarão submetidos - um mais, o outro menos - é conseqüente ao momento em que ocorre o afloramento do indivíduo. Nos momentos de luta, em que o mito vai se fortalecendo, temos uma forte semelhança entre Christophe e Lumumba; mas - em contrapartida - a dissemelhança entre um e outro se dá quando incidem sobre cada um o radicalismo e a paixão, que são frutos do trabalho ao qual se entregam, como também são produto de um certo arrebatamento da personalidade de cada um deles. Nesse exemplo, temos uma personagem - Hammarskjöld -, o secretário geral da O.N.U., admoestando Lumumba a que prestasse atenção a esse fato. Diz ele:

"Senhor Lumumba, há uma coisa que eu aprendi muito cedo: é dizer sim ao destino, qualquer que seja. Mas já que nós estamos trocando votos, eu desejo, aconteça o que acontecer, que o senhor não tenha de, um dia, pagar muito caro o preço de sua importância e a sua impulsividade ... Adeus." (1, Ato II, cena 3)

É a dosagem em maior ou menor grau desses fatores individuais que estabelecerá o quanto se é mais ou menos homem, mais ou menos mito.

A promoção mítica do herói cesairiano tem como ponto de partida o caráter visionário que ambos possuem. Eles têm a capacidade e a sensibilidade para ver a verdade que se esconde debaixo da realidade que lhes é apresentada:

Lumumba

"Esse complô belga, o complô belga, eu o vejo urdido desde o primeiro dia de nossa independência, urdido por homens atormentados pelo pesar e marcados pelo ódio. Eu o vejo sob os traços do general Massens levantando contra o governo a força pública para quem nós éramos designados, todos, como um amontoado de políticos e aproveitadores sem escrúpulos! (...) O complô belga? Eu o vejo na pessoa do embaixador da Bélgica em Léo, o senhor Van den Putt, sabotando, desequilibrando, para melhor desorganizar nossa República. (...) O complô belga? É Kabolo, Boma, Matadi. Matadi e seu monte de cadáveres." (1, Ato 1, cena 11)

e em *La Tragédie du Roi Christophe*, o rei vê que a responsabilidade de todo mal pelo qual passa o Haiti é toda ela devida à postura que os haitianos mantêm diante de seus próprios problemas.

São essas suas palavras:

"Basta! Que povo é esse que, por consciência nacio
nal, tem apenas um aglomerado de "ragots" (Javalis, por
cos selvagens: referência à mentalidade curta do povo).
Povo haitiano, o Haïti tem menos a lamentar dos franceses
que de si mesmo. O imigo desse povo é sua indolência, sua
importância, seu ódio pela indisciplina, o seu gozo e seu
torpor." (2, Ato I, cena 3)

É essa lucidez que os coloca em uma posi
ção avançada em relação aos demais homens, e que
os impele a querer a mudança radical de toda a
situação que lhes é apresentada, e que os leva a
querer a concretização do grande sonho, que é a
formação de um novo país livre de todos os ma
les. Palavras de Christophe:

"Precisamente, esse povo deve proporcionar-se, quere
rer, conseguir alguma coisa de impossível! Contra o desti
no, contra a história, contra a natureza, ah! O insólito
atentado de nossas mãos nuas. Levado por nossas mãos feri
das, o desafio é insensato." (2, ato I, cena 7)

Esse modo de ver e de sentir a realidade
que o cerca dará ao herói cesairiano caracterís
ticas revolucionárias. Com isso, será inevitá

vel o confronto direto com aqueles que lhe fazem frente; tem-se então o surgimento de muitos oponentes de dentro e de fora do país, já que suas ações são contrárias aos interesses estrangeiros e seu modo de agir não coincide com a comodidade à qual o povo está submetido. O herói torna-se indesejável pelos representantes das forças estrangeiras, e, sobretudo, torna-se um incompreendido aos olhos de seu povo. À medida em que o drama vai evoluindo, vai se acentuando o antagonismo entre ele e os outros, assim como, vai dilatando ainda mais a sua solidão. Essa advém do gigantismo do objeto de sua apetição, do absolutismo por ele perseguido, e sua ação determinada a partir da imensidão desse sonho. Poucos são, porém, aqueles que conseguem acompanhá-lo nessa empreitada e submeter-se às exigências feitas por eles. Christophe declara:

"Eu peço muito pouco aos homens! Mas não o bastante aos negros, Senhora! (...) Todos os homens têm os mesmos direitos. Eu concordo com isso. Mas (...) há os que têm mais deveres que os outros. Aqui está a desigualdade. Uma desigualdade de somatização, compreende? A quem faremos acreditar que todos os homens, eu digo, sem privilégio, sem particular exclusão, conheceram a deportação, o trá

fico, a escravidão, (...), o ultraje total, o imenso insulto (...) E eis porque é necessário pedir aos negros mais que aos outros: mais trabalho, mais fê, mais entusiasmo (...). É de uma escalada nunca vista que eu falo senhores, e infeliz daquele cujo pé lhe faltar!" (2, Ato I, cena 7)

Em *Une Saison au Congo*, temos as palavras de Lumumba:

'Forçados! Eu um forçado, um forçado voluntário. Vocês são, vocês devem ser forçados, isto é, homens condenados ao trabalho sem fim, vocês estão à disposição do Congo, vinte quatro horas por dia! Vida particular, zero! Nada de vida particular. Em troca vocês terão nenhuma preocupação material. (...) Pois bem!, bando de moluscos, sim, é preciso andar rápido, é preciso andar bem rápido." (1, Ato I, cena 8)

Talvez essas últimas palavras de Lumumba: "é preciso andar bem rápido" nos sirvam de ilustração para compreender o começo do fracasso do herói que, dentro de sua solidão, subestima o fator tempo, esquecendo-se de que "a criação de uma nação é um processo lento, um amadurecimento", onde têm de ser levadas em conta a vontade e a força daqueles que com ele dividem o seu uni

verso. Vemos então que há no herói cesairiano uma exaltação de sua epicidade em busca da liberdade e, por outro lado, há uma depreciação, motivada pelos meios aos quais recorre para atingir tal meta. Christophe, muito mais do que Lumumba, é atacado pelo desequilíbrio entre a força revolucionária do herói e o ímpeto do homem. Christophe, ao chegar ao topo do poder, vai aos poucos assumindo a identidade do colonizador. A primeira atitude tomada por ele é fazer-se rei. Começa então a derrocada do mito. Muito cinicamente, uma personagem comenta a criação da nova corte que segue os modelos europeus:

"Este-rei negro, um conto azul, não é? Este reino negro, esta corte, perfeita réplica negra do que a velha Europa fez de melhor em matéria de corte." (2, Ato I, cena 3)

Do alto de seu poder, sempre tendo em vista a liberdade da nação, Christophe começa a suofocar a vontade e o direito de todos, e assim vai se tornando colonizador de seu povo. Madame Christophe questiona a si e a ele, quando ela diz:

"Às vezes eu me pergunto se você não é antes, por força de tudo empreender, a tudo dar a regra, a grande figueira que prende toda a vegetação ao redor e a abafa." (2, Ato II, cena 7)

Dentro dessa dinâmica, Christophe usa de todos os artifícios para infundir na mente de todos as duras lições que tem para ensinar. As palavras de um camponês bem poderiam ser proferidas pelo rei, na tentativa de se explicar:

"Mas pai é pai, e o que ele faz de duro, é para o bem do filho, e porque ele tem orgulho de seu filho." (2, Ato II, cena 1)

É uma cortesã, porém, que aponta, em Christophe, a incongruência, após ouvir o relato da morte de um homem pelos guardas que estavam sob o comando do rei:

"Que paradoxo encantador! Em suma, o rei Christophe serviria à liberdade pelos meios da servidão." (2, Ato II, cena 2)

Com Lumumba, porém, não se sente uma queda tão acentuada pelo fato de ser vítima de circunstâncias exteriores a ele. Percebe-se nele uma

noção maior de sociedade e, mesmo sendo traído, atacado ou desferindo golpes, ele não perde de vista essa idéia:

"Eu tenho por arma apenas a minha palavra, eu falo (...) e u não sou um cavaleiro andante, nem um milagreiro, eu sou um defensor da vida, eu falo, e eu devolvo a África a si mesma! Eu falo, e eu coloco a África no meio do mundo! Eu falo, e, atacando em sua base de opressão e a servidão, eu torno possível, pela primeira vez, a fraternidade." (1)

Seu fracasso se liga à porção pueril que traz consigo e que o leva a confiar demasiadamente em si e naqueles que o rodeiam; e que também o leva a subestimar a força de seus oponentes. Desse modo, ele não consegue perceber os perigos aos quais está exposto. Há nesse ponto outra semelhança com Christophe, porém, em Lumumba, ela é uma característica bem mais marcante. Pauline Lumumba a deixa transparecer através de suas palavras:

"Patrice, eu tenho medo ... Meu deus! Meu Deus! eu sinto na sombra esses empurrões do ódio, e eu vejo em todos os lugares térmitas, sapos, aranhas, todas essas bestas vilãs ao serviço da inveja. Eu acredito ver se

apertarem em torno de si todas as tramas e seus sujos com
plôs, Patrice! ..." (1, Ato II, cena 8)

É ela quem o alerta contra a vivacidade dos ini
migos e contra um possível cansaço popular:

"O povo, sim! Mas ele é fraco, o povo desarmado, o
povo, crédulo! E teus inimigos são poderosos! Perseverantes,
astutos, sustentados pelo mundo inteiro!" (1, Ato
II, cena 8)

Em resposta a essas palavras, a inocência se
acentua:

"Não é preciso exagerar ... Eu tenho amigos! Amigos
fiéis. Nós somos uma equipe ... Como diz o provérbio popular:
'Nós somos como os pelos do cão, todos deitados na
cama!'" (1, Ato II, cena 8)

Essa inocência crônica, e mesmo a luta que
trava diretamente com seus colegas, não deixa
transparecer com tanta evidência alguns deslizes
de Lumumba, como, por exemplo, a atitude abusi
va ao comemorar a vitória sobre o povo Lulus -
ele age como todos os conquistadores.

"Eu conheço uma linda moça lulua! A mais bela! Ela se chama Hêlène Bijou! É na verdade uma jóia de mulher! Preparem-na. Esta noite, dançarei com ela ... com uma moça lulua! Diante de todo mundo.!! (1)

Comparando os dois heróis, vê-se que a humanização em um é maior que no outro, e, consequentemente, o fracasso, ou a desmitificação é proporcional ao grau de individualidade que eles deixam transparecer. Até mesmo a morte de cada um é reveladora dessa realidade, pois, enquanto Christophe se faz vítima de sua própria ação, Lumumba é arrebatado da vida pela força de seus oponentes, que o fulminam ainda em pleno vôo. Ele se aproxima exemplarmente de Cristo, no que concerne ao resultado obtido com a sua morte. É com o seu sangue que ele atinge a transcendência, deixando uma grande luta como herança. Podemos ver essa verdade em suas palavras dirigidas a Madame Christophe:

"Se eu desaparecer, deixo uma luta como herança aos meus filhos, você os ajudará, os guiará, os armará. Mas, não! Eu a continuarei ainda, a luta!" (2, Ato III, cena 2)

Toda a grandeza de Lumumba repousa no fato dele dar à nação um espelho. A morte é seu próprio memorial, ela o congela como herói mítico para os congoleses, enquanto que para os belgas, ele deixa de representar um perigo aos seus interesses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CESAIRE, A. *Une saison au Congo*. Paris: Seuil, 1973.
2. CESAIRE, A. *La tragédie du roi Christophe*. Paris: Présence Africaine, 1970.
3. NGAL, G. Aimé Césaire: une dramaturgie de la décolonisation. *Revue des Sciences Humaines*, v. 35, n. 140, oct./déc. 1970.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALMEIDA, L.P. de. O pássaro e a árvore. In: *O TEATRO de Aimé Césaire*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, CEUFF, 1978.
- ARISTÓTELES. *La poétique*. Paris: Les Belles Lettres, 1932.

BERND, Z. *O que é negritude*. São Paulo: Brasilien
se, 1988.

FERKISS, V.C. *África: um continente à procura de*
seu destino. Rio de Janeiro: Ed. G.R.D., 1967.

KOTHE, F. *O herói*. São Paulo: Ática, 1985.

MERRIAM, A. *O Congo*. Rio de Janeiro: Ed. Letras
e Artes, 1963.

PALLOTTINI, R. *Dramaturgia: construção do persona*
gem. São Paulo: Ática, 1988.